

"ONDE ESTÁ A CRIATIVIDADE?"

Mônica Souza Neves Pereira

1998

***"Criar e recriar é tudo a
mesma coisa.
O artista está sempre
sofrendo influências. Quanta
gente por este mundo
não sofre a minha influência?
E não
cobro direito autoral."***

Roman Polanski
Cineasta Polonês

O objetivo deste artigo é analisar o fenômeno da criatividade utilizando como referência a abordagem sócio-histórica do desenvolvimento humano proposta por Lev Vygotsky. A partir da definição de conceitos chaves como *criatividade*, *cultura* e *desenvolvimento*, pretende-se discutir sobre as possíveis interrelações entre estas dimensões, articulando-as em um contexto que adota, como pano de fundo, a perspectiva desenvolvimental proposta por Vygotsky.

A criatividade tem sido investigada a partir de modelos e metodologias centradas no indivíduo e seus traços de personalidade, que crêem estar o fenômeno criativo situado no pensamento do sujeito que cria. Talvez, no processo através do qual este sujeito produz novos elementos. Quem sabe, ainda, possa a criatividade estar no produto final, resultado da ação de um indivíduo com habilidades criativas. Enfim, seja qual for o enfoque, permanece a criatividade como fenômeno situado entre o sujeito e sua obra, passando pelo processo de criação desta obra. Uma nova abordagem do fenômeno criativo surge com alguns

teóricos que advogam outra estrutura para a ocorrência do ato de criar. Entre eles, podemos citar Csikszentmihalyi (1988b) que argumenta:

Não podemos estudar criatividade isolando indivíduos e suas obras do contexto social e histórico onde estas ações ocorrem. Isto porque o que chamamos criatividade nunca é o resultado da ação individual do sujeito. É, isto sim, o produto de três domínios principais que delineiam o fenômeno: o grupo das instituições sociais (Campo) que selecionam entre os vários produtos individuais aqueles que serão preservados; um aspecto cultural estável (Domínio) que preserva e transmite os produtos selecionados para as próximas gerações e, finalmente, o sujeito (Indivíduo) que promove mudanças no Domínio que devem ser consideradas criativas pelo Campo (p.325).

A primeira parte deste artigo é dedicada à definição dos conceitos-chave que nortearão os raciocínios aqui elaborados. Discutiremos o que é criatividade, cultura, desenvolvimento e domínio sócio-histórico, priorizando a perspectiva de Vygotsky. Em um segundo momento, tentaremos responder à indagação "onde está a criatividade?", estabelecendo paralelos entre os conceitos apresentados e a visão de Vygotsky sobre a criatividade e a imaginação.

DEFININDO CONCEITOS

O que é Criatividade?

Criatividade tem sido definida por diversos autores de forma diferenciada. Uns concentram-se no aspecto processual do fenômeno, traduzindo-a como uma estratégia para se criar produtos novos e originais; outros vão enfatizar o produto como referencial para definir o termo: criatividade passa a ser vista a partir da emergência de um produto que deve ser novo, útil e reconhecido por outros. Muitos definem criatividade considerando ambos os aspectos: processo e produto. Alguns vão além. Yaroshevskii (1987) diz: "o termo criatividade refere-se tanto à atividade individual do sujeito quanto ao produto gerado por ele e, a partir disto, os fatores do destino pessoal do sujeito criador

tornam-se fatores culturais" (p.22). Aqui o enfoque se diferencia, pois o autor, refletindo a visão materialista-dialética, vai ressaltar o vínculo entre o fenômeno criativo e a esfera sócio-histórica-cultural, ampliando a definição do conceito para além da relação processo-produto, para uma perspectiva onde o fenômeno individual da criação torna-se fator formador de cultura.

Csikszentmihalyi (1988a) reforça esta visão mais abrangente do fenômeno quando afirma que se quisermos entender a criatividade, devemos procurá-la além dos limites do sujeito humano. É importante alterarmos a questão "o que é criatividade" para "onde está a criatividade", buscando compreendê-la a partir de uma nova dimensão que articula aspectos referentes ao campo social, ao domínio específico de cada campo social e ao indivíduo que organiza os dados herdados das instâncias anteriores. Criatividade passa então a ser definida como "atributo não só de indivíduos, mas também de sistemas sociais que fazem julgamentos sobre esses indivíduos" (p.13).

Uma concepção de criatividade que considera aspectos sócio-históricos (Amabile, 1983, 1987; Arieti, 1976; Csikszentmihalyi, 1988a, 1988b, 1994a, 1994b) não deixa de considerar o processo criativo como algo complexo, multifacetado, vinculado às características individuais do sujeito que cria. Continua investigando os aspectos processo e produto assim como os constituintes da personalidade criativa, mas, o que muda, é o propósito de ir além nessa investigação, é a busca de uma dimensão inter-relacional, dialética, que irá traduzir a relação homem & cultura refletida e expressa no ato criativo.

Esta abordagem dialética é proposta por Vygotsky (1990). Partindo do pressuposto de que as funções psicológicas superiores do homem não são herança natural e sim estruturas construídas no processo de desenvolvimento humano, e aí podemos incluir a criatividade, é possível articular relações significativas, definidas a partir da dimensão sócio-histórica, no desenvolvimento

mental do sujeito humano e, conseqüentemente, na sua produção criativa. Criatividade passa a ser vista como um fenômeno social que só pode ser compreendido de forma contextualizada, inserido em seu momento histórico. As condições econômicas, materiais, sociais e culturais presentes no contexto irão influenciar de forma marcante o processo criativo.

Vygotsky (1987) também pensou em uma forma de compreendermos bem o fenômeno criativo. Sugeriu que fosse feita uma analogia entre os fenômenos criatividade e eletricidade. Percebemos que a eletricidade está presente em eventos de diferentes magnitudes. Existe em grande quantidade nas grandes tempestades, com seus raios e trovões, mas ocorre também na pequenina lâmpada, quando ligamos o interruptor. A eletricidade é a mesma, o fenômeno o mesmo, só que expresso com intensidade diferente. A criatividade se processa da mesma forma. Todos somos portadores dessa energia criativa. Alguns vão apresentá-la de forma magnânima, gigantesca; outros vão irradiar a mesma energia só que de maneira suave, discreta. A energia é a mesma, a capacidade também, apenas distribuída de forma diferenciada.

Criatividade é, então, vista como fenômeno universal, como função mental superior que é, da mesma forma que outras, internalizada pelo sujeito a partir de suas experiências e contatos com a cultura. Vai ser determinada pela cultura e vai propor novas formas de organização social e cultural. É fenômeno que se expressa tanto na dimensão intra como interpsicológica. É dada pela dimensão social ao homem e devolvida em forma de cultura. Apresenta-se como evento complexo, multifacetado e distribuído em etapas diferenciadas do processo de desenvolvimento do homem e da sociedade humana.

O que é Cultura?

Cultura representa um conceito complexo, que pode dar margem a diversas interpretações. De acordo com o foco utilizado para analisá-la, surgem definições diferenciadas que expressam a natureza dessa análise. Dentre todos os campos do conhecimento que investigam a cultura, certamente a Antropologia destaca-se como pesquisadora mor. Tal opção preferencial lhe concede autoridade para falar sobre cultura e defini-la conceitualmente. Algumas definições de cultura propostas por antropólogos serão arroladas neste trabalho. Outras áreas do conhecimento, porém, necessitam também se apropriar desse conceito para melhor formular suas idéias. A psicologia representa uma destas áreas. Especialmente na Rússia, o conceito de cultura tornou-se indispensável para o desenvolvimento de teorias psicológicas. Vygotsky e seus colaboradores sustentaram seus pressupostos e achados teóricos principalmente sobre os conceitos de cultura e aspectos sócio-históricos. E, ao utilizarem estes conceitos em suas formulações, possivelmente modificaram ou acrescentaram sentidos novos às definições anteriores. O conceito de cultura transforma-se, passando a adequar-se ao referencial teórico que o adota.

No âmbito da Antropologia, inúmeros autores (Geertz, 1978; Kaplan & Manners, 1976; Laraia, 1993) preocuparam-se com a conceituação de cultura. Kaplan e Manners (1976) definem cultura como uma classe de fenômenos conceitualizados que possibilitam formas de lidar com questões a serem respondidas pela antropologia. Estas questões não dizem respeito apenas ao comportamento humano tradicional ou institucionalizado, mas sim a padrões de comportamentos que não podem ser integralmente explicados pelos conceitos psicobiológicos. Cultura não é meramente vista como um conjunto de mecanismos coletivos, estruturas e artifícios exteriores ao homem. É, reconhecidamente, um termo que abrange vários assuntos. Segundo Kaplan e Manners (1976):

.....a literatura criada sobre as formas de vida de um grande número de povos do mundo deu origem à grande lição da antropologia: o homem é único; as culturas variam (p.18)

Outra definição de cultura vem de Geertz (1978) que assume uma perspectiva semiótica. Segundo este autor:

Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significado que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise, portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significado (p.15).

Outro destaque deste autor relaciona-se à cultura como composta por estruturas psicológicas, por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento. Por essa razão, pode-se dizer que a cultura é "pública", isto porque seu significado também é "público". Expressa a concepção da antropologia cognitiva considerando a cultura como estruturas de significado socialmente estabelecidas.

Laraia (1993) argumenta que a cultura só se tornou possível a partir da possibilidade humana de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral. O que distingue o homem do animal é a sua capacidade de receber informações através da linguagem. Essa habilidade permite ao homem acessar o conhecimento acumulado por seus ancestrais e pela cultura em que vive, associando-o à sua capacidade de observação e invenção que o diferencia dos animais. Todos os homens são dotados do mesmo equipamento anatômico, mas a utilização deste equipamento vai ser determinada pelo aprendizado dos padrões culturais do grupo a que o indivíduo pertence.

Na teoria sócio-histórica do desenvolvimento proposta por Vygotsky, o conceito de cultura diferencia-se do proposto por correntes antropológicas em geral. Relaciona-se, diretamente, com os aspectos que desempenham papel

significativo no processo de internalização que determina, justamente, o trânsito entre o que é da ordem do externo (interpsicológico) para o que é da ordem do interno (intrapsicológico). Tem a ver com signos, instrumentos, significados. Segundo Valsiner (1989), o termo "cultural", dentro da perspectiva Vygotskiana, significa o que é instrumentalmente criado, tudo que é produzido através do uso de signos e instrumentos.

Desenvolvimento e Domínio Sócio-Histórico: a perspectiva de Vygotsky

O conceito de desenvolvimento apresenta-se como um construto teórico de difícil definição por sua natureza ampla e difusa. Tem-se observado, ao longo da história da psicologia, o desafio que consiste a definição dos processos desenvolvimentais e quais os pressupostos que o sustentam. Conforme os sistemas psicológicos enfocados, seus pressupostos básicos, seus princípios metodológicos e suas categorias de pesquisa, o conceito de desenvolvimento pode refletir significados distintos, até ambíguos (Vygotsky, 1981).

Para os teóricos que adotaram a perspectiva sócio-histórica do desenvolvimento, este só pode ser compreendido e explicado quando contextualizado, inserido em sua própria história, desde os primórdios até o presente, com possibilidades preditivas para o futuro. Segundo Vygotsky (1991a), são os aspectos históricos e culturais que vão determinar os processos de desenvolvimento do homem. A aprendizagem, como elemento externo que representa a cultura, interage de forma independente com a linha do desenvolvimento potencializando e/ou inviabilizando-o.

Na perspectiva de Vygotsky, o aspecto "desenvolvimento" constitui elemento importante em sua psicologia. As transformações qualitativas que ocorrem no sujeito humano ao longo de seu processo de desenvolvimento representam o fenômeno central, o foco de análise dos pressupostos teóricos

propostos pelos psicólogos soviéticos. E, para esses teóricos, o processo de desenvolvimento do homem só ocorre dentro de um contexto sócio-histórico-cultural. O homem se diferenciou das outras espécies animais em seu trajeto filogenético porque começou a relacionar-se com o mundo de forma mediada por instrumentos e símbolos. De acordo com Oliveira (1992):

O ser humano constitui-se, enquanto tal, na sua relação com o outro social. A cultura torna-se parte da natureza humana num processo histórico que, ao longo do desenvolvimento da espécie e do indivíduo, molda o funcionamento psicológico do homem (p.24).

Na teoria de Vygotsky, o conceito sócio-histórico não diz respeito à história passada do sujeito, não representa seu histórico social ou seu contexto cultural presente. O conceito sócio-histórico se refere à natureza do desenvolvimento dos fenômenos psicológicos humanos. Representa um palco atemporal onde passado, presente e futuro se conectam para fomentar o desenvolvimento do sujeito. Este sujeito é ativo em seu próprio processo de desenvolvimento e tem uma função instrumental, isto é, age sobre o ambiente com o auxílio de instrumentos e signos, mudando ou alterando sua trajetória (Valsiner, 1989).

Segundo Vygotsky (1981), alguns conceitos formulados pelos psicólogos ocidentais sobre o processo de desenvolvimento mostram-se inapropriados ou confusos. Entre eles, alguns, por exemplo, ignoram o aspecto social como um dos "níveis" componentes do processo de desenvolvimento que deve ser analisado em seu trajeto histórico (aqui compreendido como palco natural onde se encena a história do desenvolvimento). Tal perspectiva supervaloriza aspectos orgânicos e puramente ambientais em detrimento da ampla dimensão sócio-histórico-cultural que cerca o sujeito humano. Outras

distorções são apontadas por este autor. Uma delas diz respeito à visão "pré-formista" do desenvolvimento infantil herdada da embriologia. De acordo com esta abordagem, o desenvolvimento reduz-se a processos quantitativos que expressam o potencial genético contido no sujeito. Considera a influência ambiental, mas não descarta o fato de que o que distingue a criança do adulto é o seu tamanho e suas proporções. Desenvolver-se, resume-se em expandir esse potencial, em transformar a miniatura (criança) no projeto final (o homem). Vygotsky (1981) argumenta que a embriologia já abandonou esse pressuposto, mas a psicologia parece que não. De alguma forma, mesmo que oculta, essas idéias permanecem fazendo escola na psicologia infantil ocidental.

Outra característica apontada por Vygotsky (1981) refere-se à forma como a psicologia vem abordando o processo de desenvolvimento humano. O enfoque adotado pela maioria dos teóricos tem sido matizado por tons "negativos", isto é, avaliações que destacam o que a criança não tem, o que lhe falta quando comparada com o adulto. Vygotsky (1981) postula a alteração desta ótica para uma compreensão do desenvolvimento a partir de seus aspectos positivos. Mas o que isto significa para este autor? Significa uma mudança de paradigma, o que implica em passar a considerar as características positivas, os avanços que distinguem a criança do adulto. Essa nova percepção do processo de desenvolvimento só é possível se embasada por uma nova definição que compreenda o desenvolvimento humano como *"um processo dialético complexo, multifacetado, marcado por um esquema de periodicidade, por desproporções de funções, metamorfoses, conversões qualitativas, combinações complexas, processos de evolução e involução, interação de fatores externos e internos e busca constante de adaptação ao meio"* (Vygotsky, 1991a, p.33).

Ainda segundo Vygotsky (1991b), o processo de desenvolvimento não ocorre de forma suave, encadeada, a partir da evolução de estágios definidos,

conforme o modelo do embrião que traz dentro de si todo seu potencial de crescimento já pré-determinado geneticamente. O processo de desenvolvimento é um evento intenso, por vezes violento, com características muito mais revolucionárias que evolucionárias, onde novas formas surgem não apenas de desdobramentos de formas anteriores e sim a partir de colisões e choques que o organismo sofre ao se debater com o ambiente em busca de equilíbrio e adaptação. A aquisição desses novos padrões acontece a partir da perspectiva dialética aplicada ao desenvolvimento. Um estágio anterior sustenta o surgimento do posterior e não desaparece com a sua chegada, "mas" é eliminado por ele, é dialeticamente negado, passando a existir neste novo estágio só que em novos parâmetros, de forma "transformada". No processo dialético não há espaço para a lógica do $A + B = C$. Na perspectiva dialética o estágio A sustenta o surgimento do estágio B, mas é negado por este e transformado em C. O estágio C é algo novo que contém A e B transformados e não, simplesmente, o somatório de $A + B$.

Dessa forma, é explicado o processo de desenvolvimento do sujeito humano pela teoria sócio-histórica proposta por Lev Vygotsky. O homem é diferente dos animais porque possui funções mentais superiores, porque é portador de uma "consciência". Estas funções mentais só existem porque derivam de um contexto social e cultural. Se há cultura, certamente haverá desenvolvimento para a espécie homo-sapiens.

ARTICULANDO CONCEITOS

Nesta etapa do presente trabalho, discutiremos os pontos em comum entre criatividade, cultura e a abordagem sócio-histórica do desenvolvimento proposta por Vygotsky, que aborda a gênese das funções mentais superiores do homem. O modelo adotado na análise dos conceitos que sustentam a perspectiva vygotskiana neste trabalho tem um cunho meramente didático. De acordo com o

autor, essas dimensões (desenvolvimento, cultura e funções mentais superiores) não se encontram separadas e sim interligadas, em uma relação dialética que determina sua própria essência.

O homem, em sua trajetória histórica, sempre tentou explicar os acontecimentos e fenômenos tanto externos à sua natureza quanto internos (seus próprios processos psicológicos). Explicar e compreender o fenômeno criativo não poderia fugir à regra. As primeiras tentativas de entendimento desse processo, formuladas em teorias e modelos, surgiram com a psicologia e algumas de suas ramificações teóricas como a psicanálise, a gestalt e a linha humanista. Os pensadores pertencentes a essas correntes teóricas, formularam propostas que enfatizavam o sujeito humano como fonte geradora do processo criativo, como foco de análise e estudo para aqueles interessados em compreender e definir a criatividade. O ato de criar passou a ser concebido como ação de um sujeito dotado de atributos diferenciados, influenciado por um contexto sócio-cultural, mas, essencialmente, determinado pelas qualidades e traços próprios a esse sujeito. Poderia ser definido como um ato individual que gera produtos individuais, porém acontecendo em um contexto coletivo. As relações entre criatividade e cultura, nesta perspectiva, não são diretamente determinantes, apenas influentes.

Essa abordagem do fenômeno criativo adotado pela psicologia ocidental gerou um pressuposto implícito que vinculou o potencial criativo a um "certo" determinismo biológico. Tal concepção vai ser discutida por Vygotsky e seus colaboradores quando assumem que as funções mentais superiores do homem, onde se inclui a criatividade, são frutos de um dado contexto cultural, são determinadas por uma instância sócio-histórica. As relações entre criatividade e cultura passam, assim, a ter uma feição alterada. Os dois conceitos tornam-se diretamente vinculados, o segundo gerando o primeiro e determinando suas características básicas. O domínio sócio-histórico-cultural passa a ser o palco de

onde surge a criatividade, a partir da interação entre o sujeito e o meio, proporcionada pelas linhas do desenvolvimento e da aprendizagem.

A questão "onde está a criatividade" pode, então, ser retomada como um gancho que permitirá a articulação e entendimento dos conceitos arrolados neste trabalho. Na perspectiva de Vygotsky (1990), não podemos definir se um indivíduo é criativo ou não apenas a partir de sua performance ou desempenho individual. As características que compõem o fenômeno da criatividade são dadas pelas experiências de vida de cada sujeito em seu cenário sócio-histórico-cultural. Articulando as noções de desenvolvimento, cultura e criatividade, podemos sintetizá-las numa idéia que retrata a posição vygotskiana: o processo de desenvolvimento da criatividade é determinado pelo contexto cultural ao qual pertence o sujeito agente do ato criativo. Sua expressão criativa individual reflete a influência do coletivo, é obra do grupo, da dimensão social, onde ele, como agente, apenas exteriorizou o desejo, necessidade ou pensamento oriundo e emergente da cultura.

Vygotsky valoriza o contexto sócio-histórico-cultural de forma única e particular. Nesta perspectiva, buscar a criatividade no indivíduo ou nos seus produtos torna-se uma opção sem sentido. Concluímos, então, que a criatividade não está somente nestas instâncias, não pertence apenas ao sujeito ou se expressa somente em seus produtos e obras. A variável ambiente passa a ter caráter determinante, uma vez que a criação passa a ser vista como resultado de interações complexas entre os elementos internos e externos ao sujeito que cria. O fenômeno criativo é ampliado e segundo Vygotsky (1987), se liberta da concepção vulgar que julga a criatividade como atributo de alguns poucos iluminados, desconsiderando a capacidade criativa presente no homem comum. O foco da teoria sócio-histórica não está no indivíduo criativo, embora Vygotsky reconheça alguns grandes nomes da história como altamente criativos. A variação

do ambiente, entendido de uma forma ampla como campo sócio-cultural, é que dará as nuances do desenvolvimento e expressão da criatividade e, numa perspectiva maior, do próprio desenvolvimento do sujeito humano.

Sair em busca da criatividade, como num jogo de esconde-esconde, pode resultar em ganhos significativos para a compreensão do fenômeno criativo. Nos perguntar, como nas brincadeiras infantis, se "está quente", isto é, se estamos nos aproximando do local onde a criatividade possa se situar, talvez consista em metodologia apropriada na verificação da dinâmica deste fenômeno. Um aspecto que não pode ser desconsiderado na busca de respostas para essa indagação reside no domínio histórico. Necessitamos mergulhar no ambiente da "história social" para entendermos onde está a criatividade, precisamos investigar como essa função opera no sujeito inserido em seu contexto e de que forma emergem os produtos gerados por eles.

Articular os conceitos cultura, desenvolvimento e criatividade parece possível ao adotamos a perspectiva dialética. Criatividade surge do domínio sócio-histórico-cultural como produto da interação do sujeito com seu ambiente, impulsionado neste percurso pelos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Uma vez determinada pela cultura, passa a ser elemento formador dessa mesma cultura. Surge como uma via de mão-dupla de onde se "cria" e onde passa a "criar". Segundo Vygotsky (1987):

É precisamente a atividade criadora do homem a que faz dele um ser projetado para o futuro; um ser que contribui com a criação e que modifica seu presente (p.9).

Uma outra forma que permite a compreensão das conexões entre cultura, desenvolvimento e criatividade é colocada por Vygotsky (1987):

Tudo o que nos cerca e que tenha sido criado pela mão do homem, todo o mundo da cultura, a diferença do mundo da natureza, tudo isso é produto da imaginação e da criação humana, baseado na imaginação (p.10).

A imaginação assume papel significativo no fenômeno criativo. Vygotsky (1987) discute bastante sobre esse conceito alegando que a psicologia ocidental o percebe como uma ação que não tem vinculação ou coordenação com a realidade. Fantasia e imaginação são sinônimos de pensamentos relacionados à esfera do irreal. Para ele, porém, a imaginação apresenta-se fortemente vinculada à razão constituindo a base de qualquer atividade criativa. *“É elemento componente da vida cultural assim como a arte, a ciência e a tecnologia”* (p.86). Dessa forma, todo o trabalho do homem, todo fator gerador de contextos culturais, todo produto humano que possa ser distinto do mundo natural representa o resultado da ação imaginativa, a cristalização da imaginação e da criatividade do homem. A imaginação e a criação ocorrem na mente do sujeito humano. A mente do sujeito humano é gerada no palco sócio-histórico que ele habita. Os vetores que delineiam o percurso da energia criativa se alteram, invertendo-se, ora indo da dimensão interpsicológica para a dimensão intrapsicológica, ora percorrendo o caminho oposto.

Onde está a criatividade então? Certamente em vários lugares, dependendo do nosso foco de análise, dependendo do ponto que desejamos investigar. É perceptível a dinâmica do fenômeno criativo a partir da imagem dos vetores circulando em direções opostas. Talvez seja mais interessante considerar a criatividade a partir de sua dinâmica que parece ser universal. Vygotsky (1990) comenta que *“necessitamos reconhecer a criatividade como regra e não como exceção”* (p.87). É um fenômeno que se distribui por toda a espécie humana, diferenciando-se em alguns sujeitos, mas existente em todos. Comporta, também e principalmente, um coeficiente social, necessita de condições sócio-econômica-

culturais adequadas para desenvolver-se. Não representa, apenas, uma dimensão pessoal; implica em uma instância coletiva onde se entende que qualquer obra ou produto humano não é resultado da ação de apenas um sujeito (gênio ou não) e sim consequência da ação e influência de anônimos co-autores.

Finalizando, a criatividade, na perspectiva de Vygotsky, só pode ser compreendida a partir desta dimensão que ele denominou sócio-histórica. Sua visão particular sobre este conceito descerra novas possibilidades de estudo e pesquisa que podem ousar extrapolar a conceituação atual vigente na psicologia da criatividade, que permanece centrada no sujeito, seus processos e seus produtos criativos. Essa possibilidade de expansão abre portas para uma abordagem multidisciplinar, que utiliza recursos e conhecimentos de outras áreas como a antropologia, a sociologia e a biologia, entre outras. Do mesmo modo que a criatividade não é um atributo de alguns sujeitos abençoados, seu estudo não deve se restringir a uma visão reducionista nem a uma única área do conhecimento. A abordagem sócio-histórica enriquece o entendimento do fenômeno criativo quando o situa em sua dimensão de função mental superior, fruto da interação homem & cultura, sem privilégios para ninguém, pois sendo universal, é por "direito natural" propriedade de todos.

BIBLIOGRAFIA

- Amabile, T.M. (1983). *The social psychology of creativity*. N.York: Springer.
- Amabile, T.M. & Hennessey, B.A. (1987). *Creativity and learning*. Washington D.C.: National Education Association.
- Arieti, S. (1976). *Creativity. The magic synthesis*. New York: Basic Books, Inc., Publishers.

- Csikszentmihalyi, M. (1988a). *The domain of creativity*. Trabalho apresentado no Congresso de Criatividade. Pitzer College, Claremont, EUA.
- Csikszentmihalyi, M (1988b). Society, culture, and person: a systems view of creativity. Em R. J. Sternberg(Ed.). *The nature of creativity- Contemporary psychological perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press. (pp.325-339).
- Csikszentmihalyi, M. & Sawyer, K. (1994a). *Creative insight: The social dimension of a solitary moment*(no prelo).
- Csikszentmihalyi, M. (1994b). *Creativity*. (no prelo).
- Geertz, C. (1978). *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Kaplan, D. & Manners, R.A. (1976). *Teoria da cultura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Laraia, R.B. (1993). *Cultura - Um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Oliveira, M.K.; La Taille, Y. & Dantas, H. (1992). *Piaget, Vygotsky e Wallon- Teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus Editorial.
- Valsiner, J. (1989). *Human Development and Culture*. Lexington: D.C. Heath.
- Vygotsky, L.S. (1981). The genesis of higher mental functions. Em J.V. Wertsch (Ed.). *The Concept of activity in soviet psychology*. New York: M.E. Sharpe (pp.144-188).
- Vygotsky, L.S. (1987). *Imaginacion y el arte en la infancia*. México: Hispanicas.
- Vygotsky, L.S. (1990). Imagination and creativity in childhood. *Soviet Psychology*, 28 (1), 84-96.
- Vygotsky, L.S. (1991a). Genesis of the higher mental functions. Em P. Light; S. Sheldon & M. Woodhead (Eds.). *Learning to think*. N.York: Routledge (pp.32-41).
- Vygotsky, L.S. (1991b). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

Yaroshevskii, M.G. (1987). The psychology of creativity and creativity in psychology. *Soviet Psychology*, 25 (3), 22-44.